

Prioridade à Constituinte

O ESTADO já tem seus candidatos à Constituinte: são 847 candidatos às 46 vagas para deputado federal e 20 para as duas vagas de senador. Mas a maioria esmagadora desses candidatos não tem ainda eleitores: são candidatos de suas próprias esperanças, fundadas ou não, que dispõem de menos de sete semanas para convencer o cidadão de sua proposta política pessoal ou partidária.

A ÚLTIMA pesquisa de opinião realizada pelo Ibope mostra um alto índice de indecisão quanto à escolha dos representantes do Estado na Assembléia Constituinte, a reunir-se em princípios de 1987. Enquanto 38% dos eleitores já definiram seu voto para Governador, contra 62% de indecisos, 79% ainda não sabem em quem votarão para deputado federal.

É PARADOXAL: a Constituinte, que vai fazer a reconstrução político-administrativa do País, que vai definir a índole da democracia sob que iremos viver, que vai fixar figura, papel e atribuições de todos os governantes, do Presidente da República aos Prefeitos Municipais, tem sensibilizado menos a opinião pública que os nomes dos candidatos a Governador.

ESSE DESNÍVEL no interesse popular é indicador de uma consciência política em estado embrionário e de uma desinformação lastimável. Quando os nomes polarizam as escolhas, sem maiores referências a um quadro ideológico e institucional, é porque as lideranças ainda não se afirmaram como específicamente políticas, se é que

se alçaram à condição de lideranças reais.

PIOR é que os próprios candidatos muitas vezes acentuam essa indigência de consciência política, realimentam os equívocos e pervertem as difusas aspirações da população, conduzindo-as rumo a um universo de fantasia. Não disputam a representação e se oferecem para ser a vez e a voz dos eleitores; apresentam-se como salvadores. Não sondam anseios, ao se comportar como se tudo soubessem, como se fossem a única manifestação de vida inteligente no País e a palavra final em matéria de sensibilidade. Não pesquisam problemas; têm plataformas que são a morte de todos os problemas.

É URGENTE, é indispensável, é indeclinável empenhar-se numa tarefa de esclarecimento, num trabalho de intensa divulgação e num esforço de persuasão que reponha as eleições de novembro no quadro real de sua importância histórica. É preciso que se sobreponham os interesses da Nação à polarização do pleito em torno da eleição de Governadores.

QUE SERÃO os Governadores eleitos? Antes de mais nada, o que o Congresso Constituinte e as Assembléias Constituintes Estaduais determinarem. Por onde terão, basicamente, que se pautar: por suas propostas de hoje, ou pelos termos da futura Constituição do País e das Constituições dos Estados? E o que é um gênio político? Um privilegiado da natureza, como as ficções das histórias em quadrinhos, ou um homem, um simples homem, certamente, mas que soube captar e apre-

ciar a genialidade de seu povo?

HÁ UMA ameaça que pesa sobre a grande oportunidade que é a Constituinte, ameaça que se esboça na indefinição de agora, se se desdobrar em dispersão dos votos, em pulverização dos partidos e em atomização das tendências, nas eleições de 15 de novembro: ou uma Constituição meramente formal, que serviria para qualquer país e em qualquer tempo, por falta de homogeneização das tendências, durante a Constituinte; ou uma colcha de retalhos, como única composição possível de uma maioria que não soube a que veio.

SÓ UNS poucos, dos 847 candidatos a deputado federal e 20 candidatos a senador, podem esperar que uma parcela do público os conheça. Menor é ainda o número dos que, postulando a reeleição, podem apresentar, sem querer ludibriar o público, uma razoável folha de serviços, depois de um longo período de esvaziamento da iniciativa parlamentar.

A ALTERNATIVA que lhes resta, que é felizmente a saída salvadora, é discutir, debater. É perguntar e ouvir. É correr atrás das opiniões, antes de cogitar de qualquer solução. Só assim estarão construindo o futuro do Brasil. Com os brasileiros que imaginam representar.

DISCUTIR ainda e debater, entre si. Para que os partidos, que só momentaneamente podem figurar como siglas apenas, se transformem em propostas realistas e sinceras de exercício do poder. Ou se apaguem, com as eleições, por esgotamento.